

## A UNIDADE DOS CRISTÃOS E O APOSTOLADO LASSALISTA

*Irmão Jeffrey Gros, fsc*

### Antes de iniciar a leitura: Onde se encontram vocês?

- Qual é a experiência de vocês das outras igrejas cristãs no seu apostolado lassalista?
- Que dificuldades encontram ao pôr em prática, em seu ministério, as iniciativas ecumênicas da Igreja?
- Quais foram as experiências mais positivas, de vocês e do seu ministério, na caminhada da Igreja rumo a uma comunicação mais profunda com outros cristãos?
- Quais recursos seriam de melhor ajuda ao seu ministério, no processo de unir os cristãos?

### Introdução

No serviço educativo a pobres, estender a mão a colegas e colaboradores no mesmo ministério e em comunidades onde prestamos serviço, mas de outras confissões cristãs, é elemento integrante da identidade católica e do apostolado lassalista. A Igreja Católica, na longa peregrinação para a total reconciliação entre todas as igrejas cristãs, está comprometida através do processo de colaboração, oração e diálogo. Isto é particularmente importante, lá onde os católicos são a maioria na comunidade. A escola católica é o espaço privilegiado para a formação espiritual, o diálogo e a educação. O 43º Capítulo Geral reafirmou esta dimensão do compromisso lassalista:

*“No ministério lassalista, a escola é um lugar privilegiado para o diálogo inter-religioso e ecumênico, que dá testemunho do valor de todas as expressões de fé. Os lassalistas que trabalham nas universidades, têm a possibilidade de contribuir de maneira especial em nossa missão, por sua intensa dedicação na pesquisa no campo do crescimento da fé entre os jovens, seja qual for sua religião, e pela preparação e acompanhamento das pessoas a quem se confiou a difícil tarefa de compartilhar a Boa-Nova, num ambiente cada vez mais secularizado e multirreligioso.*

*“O carisma lassalista já está sendo uma fonte de inspiração no contexto das sociedades pluriculturais e multirreligiosas. Os jovens de todas as culturas e tradições têm o direito e a liberdade de viver o carisma lassalista e beneficiar-se dele” (Circular 447, pág. 32 e 33).*

Este compromisso contemporâneo harmoniza com o compromisso do próprio La Salle com a Igreja e sua missão. Seu testemunho da universalidade da Igreja, por vezes, o marginalizou nos seus relacionamentos com as autoridades eclesiásticas. Mas, por difícil que fosse sua missão catequética, ele tentou ajudar a seus Irmãos e aos alunos, para serem fiéis à imagem mais ampla da Igreja e suas reformas. As recomendações de La Salle são redigidas na

linha da retórica de sua época, e adaptadas a esse contexto de vida. Seu compromisso de velar pela Igreja e sua unidade, não admitia qualquer ambigüidade.

*“Primeiramente encomendo a Deus minha alma, e logo todos os Irmãos da Sociedade das Escolas Cristãs, com os quais eu me associei; e lhes recomendo que, antes de tudo, tenham sempre absoluta submissão à Igreja, em especial nestes tempos calamitosos. E que, em testemunho desta submissão, não se separem no mínimo ponto do nosso Santo Padre, o Papa, e da Igreja Romana, lembrando-se sempre que enviei dois Irmãos a Roma, com o fim de que a Sociedade se mostre sempre inteiramente submissa à Santa Sé. Recomendo-lhes ainda que tenham muita devoção a Nosso Senhor Jesus Cristo; que amem muito a Sagrada Comunhão e o exercício da oração; e que professes devoção especial à Santíssima Virgem Maria e a São José, Patrono e Protetor da Sociedade; que desempenhem com zelo e desinteresse o seu ministério e que tenham entre si íntima união e obediência cega aos superiores, por esta virtude ser fundamento e sustentáculo de toda a perfeição numa comunidade”* (Testamento e últimas palavras de La Salle).

No dias de hoje, essa submissão e lealdade implicam o compromisso dos educadores lassalistas que atuam nas escolas católicas, de se envolverem na tarefa de promover a unidade visível dos cristãos, de nutrir uma fé sólida na Igreja e nos seus comprometimentos para dialogar, bem como o zelo para conhecer e buscar a unidade com os outros seguidores de Jesus Cristo.

O Papa João Paulo II ressalta este compromisso como essencial à identidade católica, que se deve fomentar na escola lassalista:

*“Vê-se de modo inequívoco, que o ecumenismo, o movimento a favor da unidade dos cristãos, não é somente uma espécie de “apêndice”, que se vem juntar à atividade tradicional da Igreja. Pelo contrário, pertence organicamente à sua vida e ação, devendo, por conseguinte, permeá-la no seu todo, e ser como que o fruto de uma árvore que cresce sadia e viçosa até alcançar o seu pleno desenvolvimento”* (João Paulo II, in *Ut Unum Sint*, 20).

*“A procura da unidade não é um ato facultativo ou oportunista, mas uma exigência que dimana do próprio ser da comunidade cristã”* (João Paulo II, in *Ut Unum Sint*, 49).

*“O Concílio responde com clareza a esta pergunta: Tal solicitude “vale para toda a Igreja, tanto para os fiéis como para os pastores. Afeta a cada um em particular, de acordo com a sua capacidade, quer na vida cristã cotidiana, quer nas investigações teológicas e históricas”*(João Paulo II, in *Ut Unum Sint*, 19).

A partir do Concílio Vaticano II tem-se dado um desenvolvimento avultado nos compromissos da Igreja, mediante iniciativas da Santa Sé: Diretivas, incitamentos às escolas e às comunidades religiosas; realização de diálogos oficiais com outras comunidades cristãs, promoção da dimensão ecumênica na espiritualidade de todos os católicos.

O “Diretório para Aplicação dos Princípios e Normas do Ecumenismo”, de 1993, nos oferece uma proveitosa ajuda para o esclarecimento:

*“A escola, de qualquer classe e de todos os níveis, deve dar uma dimensão ecumênica a seu ensino religioso, e, no seu próprio meio deve visar a abrir os corações e as mentes aos*

valores humanos e religiosos, formando para o diálogo, a paz e os relacionamentos interpessoais.

*a) O espírito de caridade, de respeito e de diálogo insta que se eliminem as palavras e os preconceitos que deformam a imagem dos outros cristãos. Isto vale de maneira especial para as escolas católicas, onde os jovens devem crescer na fé e na oração, e se resolver a pôr em prática o Evangelho Cristão da unidade. Deve ser-lhes ministrado um ensino verdadeiramente ecumênico, na linha da doutrina da Igreja Católica.*

*b) Lá, onde for possível, em colaboração com outros professores, em disciplinas variadas, como sejam, história e arte, devem ser ressaltados os problemas ecumênicos, num espírito de diálogo e de unidade. Com este objetivo, é igualmente desejável que os professores sejam adequadamente informados sobre as origens, a história e as doutrinas das outras igrejas ou comunidades eclesiais, especialmente aquelas que existem em sua região” (Diretório para a Aplicação dos Princípios e Normas sobre o Ecumenismo, Paris, Le Cerf, 1994, § 19, 20).*

Neste Caderno da MEL iremos assinalar alguns princípios ou normas que possam ajudar as escolas lassalistas a bem assimilar o objetivo visado: ser um espaço favorável para chegar a uma unidade visível, como elemento essencial da identidade cristã. Vamos abordar problemas atinentes à liderança administrativa, à partilha sacramental, à presença de colegas não-católicos, aos currículos escolares e ao ensino superior. Apesar de o diálogo inter-religioso ser um elemento-chave no ministério lassalista da educação, e constituir uma prioridade urgente nos numerosos contextos onde os cristãos são minoritários, este problema não será objeto desta apresentação. Será versado num outro caderno da MEL.

### **A Comunhão Plena de todos os Cristãos**

A comunhão plena de todos os cristãos é o objetivo da Igreja Católica neste movimento ecumênico.

*“No Concílio Vaticano II a Igreja Católica se comprometeu solenemente a trabalhar pela unidade dos cristãos. O Decreto Unitatis Redintegratio especifica que “a unidade que Cristo quer para sua Igreja se realiza por meio da pregação fiel do Evangelho pelos apóstolos e seus sucessores, os bispos, com seu cabeça, que é o sucessor de São Pedro, através da administração dos sacramentos por eles, e através do governo na caridade”. O Decreto define essa unidade como consistindo na “profissão de uma só fé..., na celebração comum do culto divino...na concórdia fraterna da família de Deus” (Diretório...§ 20).*

Esta unidade que, por sua própria natureza, exige a plena comunhão visível de todos os cristãos, é o fim último do movimento do ecumenismo. O Concílio afirma que essa unidade não exige, de maneira alguma, sacrificar a rica diversidade de espiritualidades, de disciplinas, de ritos litúrgicos e elaborações da verdade revelada, que se desenvolveram entre os cristãos, na medida em que esta diversidade permaneça fiel à tradição apostólica.

Em algumas culturas, as igrejas padecem de um certo analfabetismo religioso. Este é um desafio ecumênico comum. Cristãos, dificilmente podemos solucionar nossas diferenças se nossos fiéis não conhecerem os fundamentos de sua fé e, inclusive, não se derem conta daquilo que nos dividiu no passado, ou do apelo do Evangelho para a unidade. De que maneira colaboram os cristãos para resolver o problema da carência de conhecimentos religiosos entre os cristãos em certas culturas?

Uma tendência, prevalente no ambiente social e espiritual polarizado e politizado de numerosas igrejas, inclusive a católica, é a de sacrificar a identidade católica autêntica, com o zelo pela unidade da Igreja como parte integrante dela, em proveito de uma atitude sectária que define o catolicismo como acima das outras confissões cristãs. Como observa Peter Phan: “*Devido ao recente notável progresso do diálogo ecumênico, as doutrinas e estruturas que, há um tempo, eram consideradas propriedade exclusiva da Igreja católica, hoje se tornaram bens comuns a muitas das grandes igrejas cristãs. Mais que uma questão de diferenciação e de exclusividade, eu concebo a identidade católica como um aprofundamento e uma intensificação...[Os diálogos] não constituem uma ameaça para a identidade católica; bem antes, oferecem um meio necessário e uma oportunidade para aprofundar e intensificar a identidade católica, não contra as outras, mas junto com elas*” (In *To be Catholic or not to Be: Is it still the Question? Catholic Identity and Religious Education Today*. - Horizons, 25 (2), página 179).

Em contextos culturais, onde outras igrejas são dominantes, pode haver um retraimento dos católicos quanto ao ideal ecumênico da Igreja católica, porque constituem uma minoria acossada numa situação opressiva. Em outros contextos culturais, o diálogo com outros cristãos é visto como pouco pertinente, ou mesmo como uma perda de tempo, porque a grande maioria das pessoas é católica, pelo menos no sentido cultural do termo. Em todas essas situações, os lassalistas também são estimulados a se adaptarem à cultura, para munirem seus alunos com um senso justo e apropriado de sua própria fé, e de desenvolverem um zelo pela unidade com os outros cristãos que enxergam para além dos limites e dos desafios de qualquer contexto particular.

A identidade cristã e a afiliação a uma tradição específica, constituem um desafio para todos os cristãos. Existe uma opção sectária que gostaria de fazer sua própria comunidade o centro do universo cristão, preferentemente a Cristo e à fé secular da Igreja. Nós, católicos, estamos particularmente inclinados ao sectarismo e ao triunfalismo, por causa de nossas reivindicações teológicas e nosso sentido histórico, e por causa de nosso número, de nossa extensão universal e de nossa supremacia em certos países ou regiões onde somos maioria. Todavia, encontramos esta atitude também em alguns evangélicos que não querem dialogar, e que mesmo praticam o proselitismo entre os católicos. Os ortodoxos afirmam, como faziam os católicos antes do Concílio Vaticano II, que são a única igreja verdadeira. Em certos casos, isto conduz a uma urgência ecumênica de partilhar a peregrinação rumo à restauração da unidade plena e visível. Em outros casos, os líderes ortodoxos reagem do mesmo modo como certos católicos, denotando preconceitos contra outros cristãos, e vendo a adesão à compreensão de sua fé cristã, como único caminho para a unidade. O educador lassalista ajudará a seus alunos e a seus colegas educadores, a compreender o contexto cristão de uma situação local, e a estender a mão para dialogar, e para o respeito mútuo, lá onde for possível.

Num ambiente inter-religioso onde predominam hindus, budistas ou muçulmanos, pode existir uma possibilidade de melhores relacionamentos entre os cristãos nesse contexto minoritário, ou criar tensões específicas. Obviamente, em tais situações, o diálogo inter-religioso terá a prioridade para a Igreja, mas a catequese lassalista também deverá proporcionar aos alunos a percepção da unidade e do progresso no diálogo que é essencial à identidade católica.

Como membros da principal Igreja no mundo, os católicos têm uma responsabilidade toda especial. Nosso tamanho e nossas pretensões nos obrigam a ser os mais ecumênicos e os mais respeitosos ao nos abirmos ao diálogo e à renovação. Para a catequese, isto significa manter uma clara identidade e um espírito aberto, como objetivo de nossa formação. Isto é

particularmente importante nas comunidades majoritariamente católicas, ou entre os novos imigrantes vindos de países onde os católicos são maioria, como a América Latina ou o Leste Europeu, para ajudar os alunos a perceberem o relacionamento com os companheiros cristãos como um valor integrante da vida católica, e para ver a diferença entre os companheiros ecumênicos cristãos que partilham a esperança de comunhão plena, e outros cristãos que não são ecumênicos e, inclusive, por vezes, anti-católicos, como os grupos não-cristãos, as Testemunhas de Jeová e os Mórmons, por exemplo.

A outra atitude que aflige as culturas cristãs é aquela que tradicionalmente denominamos de indiferença. Em certas culturas do Atlântico Norte, secularizadas e pluralistas, o catolicismo muitas vezes é compreendido como uma denominação no meio de muitas outras, em que se vive e se deixa viver. - “As diferentes igrejas são simplesmente expressões particulares de uma Igreja, unidade espiritual, na qual a plena comunhão somente no céu se realizará”.

Na catequese sobre a Igreja e sobre a urgência ecumênica, o catolicismo tem uma melhor tradição que o protestantismo evangélico, mais voltado para a conversão pessoal e individual, e sobre certas formas de protestantismo clássico, em que as divisões da história são relativizadas quanto ao apelo de Deus pela paz entre os cristãos. Ecumenismo não significa mera tolerância, e muito menos isolamento sectário.

Nem sectarismo nem indiferentismo são do estilo católico. A atual suspeição institucional que prevalece tão crescentemente em algumas culturas, pode dificultar a tarefa de despertar um sentido real de uma comunidade católica e ecumênica sensível à história, à diversidade, e aberta ao futuro e à reconciliação.

A situação religiosa nas escolas, a contratação e a formação dos professores, tudo isto, nos diferentes países e contextos sociais, é influenciado pelas relações especiais entre Igreja e Estado. Em certos casos, podem-se destacar as áreas onde, para as igrejas, é necessário trabalhar junto para oferecer um programa cristão comum de base. Em outros, isto pode criar dificuldades. As igrejas deverão tomar em conta estas dificuldades à medida em que seus relacionamentos ecumênicos vão crescendo. O Irmão Flavio PAJER, ilustrou alguns desses relacionamentos na Europa, em *Educação Escolar e Cultura Religiosa*, Caderno da MEL N° 6, 2003.

### **Princípios Católicos para uma Animação Ecumênica Lassalista**

A vida e o ministério de São João Batista de La Salle nos evidenciam: Uma resposta generosa à graça de Deus pode realizar grandes coisas no espírito e no coração dos jovens e na edificação de estruturas educativas cristãs. Sua percepção da Divina Providência o induziu a interpretar o peregrinar de sua vida e do seu agir à luz da ação de Deus, por ilógico e sinuoso que parecesse o rumo. Com certeza, os desenvolvimentos das relações mútuas e o rumo ecumênico da Igreja católica são um testemunho dessa maravilhosa Providência.

Após mais de trinta anos de peregrinação rumo à unidade cristã, há muito que aprender e muito que ensinar. A escola lassalista é um espaço apreciável para nutrir, não somente a necessária conversão para uma perspectiva ecumênica entre cristãos, católicos ou não, mas também para a instrução que produz essa visão do conteúdo religioso, espiritual e experiencial do movimento ecumênico. A escola lassalista move os corações, mas também instrui as mentes acerca das esperanças e dos progressos das igrejas, para responderem juntas à oração de Cristo.

O esforço para chegar à unidade cristã não é uma disciplina de estudo, mesmo que seja um componente catequético. Não é simplesmente uma preocupação interna de cada escola, visto que tem implicações para toda a nossa vida católica institucional. Acima de tudo, é uma atitude do espírito e uma conversão do coração.

O Santo Padre tem lembrado constantemente aos católicos que somos irrevogavelmente comprometidos com a unidade plena e visível das igrejas cristãs, e que o ecumenismo é essencial à identidade católica. O magistério vigorosamente apoiou o ecumenismo católico e os diálogos que se desenvolveram desde o Concílio.

A dimensão ecumênica da vida de fé de um apostolado lassalista não pode ser deixada somente nas mãos dos catequistas, dos capelães e agentes de pastoral. Se todo o corpo de professores e o pessoal diretivo e administrativo não tiverem um compromisso básico, e não apoiarem os valores católicos, e o compromisso da Igreja, neste caso, a unidade dos cristãos, estaremos solapando nossa missão por dentro.

Ao formar uma comunidade de fé lassalista na escola, nós nos esforçamos para cultivar uma consciência sacramental. Isto nos pede que aprendamos a vivenciar a real, ainda que imperfeita comunhão, que os católicos partilham com todos os cristãos batizados. Essa prática de comunhão se aprende através da experiência pessoal direta, oração em comum com outros cristãos, e respeito pelos seus líderes. Todavia, essas experiências ecumênicas também formam parte integrante do plano organizativo de um dado apostolado particular, o que obriga a uma decisão muito prática, adaptada à cultura, necessidades e dificuldades de cada situação.

O anseio católico pela unidade é um dos elementos que caracteriza as mudanças de mentalidade surgidas na Igreja desde o Concílio Vaticano II, tais como: a reforma e o incremento da Liturgia, a participação dos fiéis leigos na atuação apostólica e na missão da Igreja, a compreensão da busca da paz e da justiça como elementos da evangelização... Este anseio se expressou, dentre outras formas, assim:

♣ Reconhecemos a comunhão real, mas imperfeita, que existe entre nossa Igreja e entre outras igrejas e comunidades eclesiais, e começamos a vivenciar uma comunhão mais profunda.

♣ Nós não falamos mais em “irmãos separados”, mas em “irmãos cristãos”.

♣ O batismo comum e aquilo que partilhamos na fé comum e nas nossas Escrituras, nos ajudam a formar a identidade católica dentro da percepção de nosso cristianismo comum.

♣ Nós nos mudamos de um ecumenismo de “retorno dos irmãos separados” ao respeito mútuo, utilizando o diálogo como meio para descobrir nossos pontos de convergência e nossas divergências, todas essas coisas que exigem uma solução no peregrinar comum rumo à unidade, pela qual Cristo orou.

♣ Nosso entendimento teológico passou da consideração da Igreja Católica Romana como a única e verdadeira Igreja, para a afirmação de que a única verdadeira Igreja “subsiste” na Igreja Católica, mas que elementos da verdadeira Igreja estão vivos e oferecendo a salvação em outras igrejas, e que todos estamos sendo feridos enquanto o escândalo da divisão perdurar.

## **Documentação**

Nos anos posteriores ao Concílio Vaticano II, com seus Decretos sobre Educação e Ecumenismo, diretivas específicas continuaram a emergir para revigorar e esclarecer a missão da Igreja Católica a serviço da unidade dos cristãos. Nos anos noventas, apareceram três documentos muito importantes; em 1993, o “Diretório para a Aplicação dos Princípios e das Normas sobre o Ecumenismo”; em 1995, a Encíclica “*Ut Unum Sint*” sobre o empenho ecumênico; e em 1998, “A Dimensão Ecumênica da Formação dos Agentes Pastorais” (*Conselho Pontifício para a Promoção da Unidade dos Cristãos*, in “*A Dimensão Ecumênica na Formação dos que trabalham no Ministério Pastoral*”). Estes Documentos reforçam o estímulo para uma formação ecumênica, articulado na *Ex Corde Ecclesiae*, no Catecismo da Igreja Católica e no Diretório Geral da Catequese.

O Diretório reúne as políticas articuladas numa dúzia de documentos diferentes do Vaticano, e introduz um importante novo capítulo sobre a formação ecumênica. O Diretório caracteriza assim a missão ecumênica da Igreja:

*“O movimento ecumênico é uma graça de Deus, concedida por Deus Pai em resposta à oração de Jesus e às súplicas da Igreja, inspirada pelo Espírito Santo. Ainda que enquadrada no quadro geral da missão da Igreja, que é unir a humanidade em Cristo, tem como missão específica o restabelecimento da unidade entre os cristãos. Os batizados, em nome de Cristo, por isso mesmo, são chamados a se comprometerem na busca da unidade. A comunhão no batismo propende para a plena comunhão eclesial. Viver o batismo é ser propelido na missão de Cristo, que é congregar todos na unidade”* (Diretório, N° 22).

O Diretório foi pensado para “motivar, iluminar e orientar essa atividade ecumênica”, em como proporcionar diretrizes, ou estabelecer normas. Foi desenvolvido “à luz da experiência da Igreja desde o Concílio, tendo em conta a atual situação ecumênica”. Nele são sugeridas as comissões ecumênicas diocesanas, as comissões ecumênicas dentro das comunidades religiosas e os delegados especiais com a responsabilidade de promover a unidade cristã nos seus setores de atividade.

Publicado o Diretório, em 1993, o Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs organizou uma comissão e designou uma Junta na Casa Generalícia de Roma, para promover o trabalho ecumênico no Instituto. Em algumas Regiões e Províncias, uma Junta assim pode ser útil à pastoral lassalista e a seus programas de formação.

A escola encontrará meios de colaboração nos programas ecumênicos diocesanos, que, como assinala o Diretório, variam amplamente:

*“As situações de que o ecumenismo se ocupa são, amiúde, sem precedentes; variam de um lugar para outro, de uma época para outra. Por isso, é preciso dar apoio e assistência às iniciativas dos fiéis no terreno do ecumenismo. Torna-se preciso um discernimento atento e constante, que incumbe àqueles que têm a responsabilidade maior pela doutrina e a disciplina da Igreja”*. (Diretório, n°s 30-34)

Estamos nas primeiras décadas das reformas do Vaticano II, e, assim sendo, o Espírito Santo nos está surpreendendo com novos acontecimentos a cada dia. Também estamos descobrindo novos desafios que a Providência de Deus nos convida a enfrentar.

O Diretório ressalta tanto a comunidade de fé como o conteúdo curricular da missão da escola.

*“A escola, de qualquer classe e de todos os níveis, deve dar uma dimensão ecumênica a seu ensino religioso, e, no seu próprio meio, deve visar a abrir os corações e as mentes aos valores humanos e religiosos, formando para o diálogo, a paz e os relacionamentos interpessoais.*

**a)** *O espírito de caridade, de respeito e de diálogo insta que se eliminem as palavras e os preconceitos que deformam a imagem dos outros cristãos. Isto vale de maneira especial para as escolas católicas, onde os jovens devem crescer na fé e na oração, e se resolver a pôr em prática o Evangelho Cristão da unidade. Deve ser-lhes ministrado um ensino verdadeiramente ecumênico, na linha da doutrina da Igreja Católica.*

**b)** *Lá, onde for possível, em colaboração com outros professores, em disciplinas variadas, como sejam, história e arte, devem ser ressaltados os problemas ecumênicos, num espírito de diálogo e de unidade. Com este objetivo, é igualmente desejável que os professores sejam adequadamente informados sobre as origens, a história e as doutrinas das outras igrejas ou comunidades eclesiais, especialmente aquelas que existem em sua região”* (Diretório para a Aplicação dos Princípios e Normas sobre o Ecumenismo, Paris, Le Cerf, 1994, Nº 68).

Em 1995, o Papa João Paulo II dedicou sua décima-segunda Encíclica *“Ut Unum Sint*, aos católicos de todo o mundo sobre a unidade da Igreja, com a intenção de ajudar-nos, como católicos e como educadores, a colocar-nos à altura de nossa vocação ecumênica. Essa Carta Encíclica é um resumo dos trinta anos de participação católica no movimento ecumênico. Ela recorda os compromissos irreversíveis assumidos e os relacionamentos já estabelecidos. Ela define um programa de diálogo, afirmando que aquilo que os cristãos têm em comum é mais importante do que aquilo que os divide. Dentre os encorajamentos mais incisivos, se destaca o de ver cada cristão chamado, de acordo com sua posição e sua formação, a servir à unidade da Igreja. A missão ecumênica da Igreja não pode ser como um apêndice, pois é essencial à identidade e à vida da Igreja.

Os católicos já não falam de “irmãos separados” mas de “irmãos cristãos”. Como será destacado mais adiante, o Papa faz um apelo especial à nossa condição de educadores, para ajudar à Igreja a colher resultados de trinta anos de diálogo, para que os fiéis possam participar dos frutos do Espírito Santo que enriqueceram todas as nossas Igrejas, com um testemunho comum, o diálogo e o aprofundamento dos vínculos espirituais que nos unem (*Ut Unum Sint*, § 41, 72, 80).

Mais recentemente, neste contexto de renovação educacional para os católicos, o “Conselho Pontifício para a Promoção da Unidade dos Cristãos”, organismo da Santa Sé responsável pelo ecumenismo, redigiu o Documento *“A Dimensão Ecumênica na Formação dos Agentes Pastorais”*. É sugerido que os professores e todos os agentes pastorais iniciem seus estudos com um curso de ecumenismo, de maneira que toda a teologia católica e a prática pastoral sejam vistas através de um prisma de zelo pela unidade da Igreja e o entendimento da fé católica no contexto deste compromisso ecumênico. A implementação deste programa apresenta um desafio muito sério para nossas escolas lassalistas, para nossos programas de formação permanente, e nossa colaboração com os cooperadores ecumênicos. Os programas de formação encontrarão nele princípios e subsídios detalhados para completar a formação na área da fé, da liderança, e da missão. Será dito mais sobre seus princípios na discussão do currículo catequético no ministério lassalista.

Muitas escolas aproveitam anualmente a *Semana da Unidade Cristã*, trazendo à escola líderes ortodoxos, protestantes, anglicanos... para orações em comum, e possivelmente para oportunizar momentos de diálogo. Numerosas Conferências Episcopais colaboram com os grupos ecumênicos na adaptação de material informativo a seus contextos particulares. Os responsáveis escolares podem colaborar com os responsáveis ecumênicos diocesanos, procurando fazer chegar a todas as salas de aula os documentos, possivelmente com sugestões e meios de divulgação. As escolas podem aproveitar a semana de orações como uma “semana de sensibilização ecumênica”, onde o conhecimento de outras igrejas e nosso relacionamento católico com elas podem ser incrementados.

### **O Papel das Direções Escolares Lassalistas**

Os alunos decalam suas atitudes e seu zelo pela unidade com relação a outros cristãos, tanto do interesse, abertura e entusiasmo das direções e dos professores, como naquilo que aprendem nos conteúdos das aulas de religião. O entusiasmo demonstrado pelas direções, as administrações e outras lideranças dos estabelecimentos, é fator de crescimento ecumênico da comunidade educativa. Plasmar a abertura ecumênica, a oração pela unidade da Igreja e o fomento do diálogo que a direção proporciona, tudo isto fornece a alunos e professores exemplos para introduzir esses compromissos católicos na vida cotidiana da escola e da comunidade.

Criar um contexto ecumênico de conversão é essencial para a formação da comunidade de fé. O Santo Padre expressa isto assim: “ Toda a vida dos cristãos está marcada pela solicitude ecumênica, e de certo modo, eles são chamados a se deixarem plasmar por ela. No magistério conciliar, há um nexos claro entre renovação, conversão e reforma... Nenhuma comunidade cristã pode furtar-se a este apelo” ( *Ut Unum Sint*, N<sup>os</sup> 15 e 16).

Para a escola isto significa criar um ambiente onde o compromisso com o objetivo católico da unidade visível, a abertura a um diálogo de amor e de hospitalidade, e o entusiasmo resultante de cada passo que nos aproxima do objetivo da unidade entre as igrejas, são parte essencial desse ambiente do estabelecimento. O clima ecumênico católico é responsabilidade singular da equipe diretiva, de seu líder e de todos os professores. Os serviços ecumênicos da escola, durante a Semana de Oração, e em outros momentos, os componentes ecumênicos para retiros, os símbolos de acontecimentos ecumênicos e a decoração religiosa da escola, tudo contribui para o sentido de comunidade do componente ecumênico da identidade comum católica.

O espírito de caridade, de respeito e de diálogo exige a eliminação de toda linguagem e dos preconceitos que deformam a imagem de outros cristãos. Isto é sobretudo válido para as escolas católicas, onde os jovens devem crescer na fé, na oração e na determinação de pôr em prática o Evangelho cristão da unidade. Eles devem ser instruídos no ecumenismo genuíno, de acordo com a doutrina da Igreja católica.

Poucos poderão seguir os acontecimentos ecumênicos da Igreja em detalhe; nem todos são igualmente responsáveis pelo panorama religioso da escola ou do ministério. Contudo, todo o pessoal da comunidade deve estar atento a essa prioridade da Igreja, e não deixá-la a cargo só do pessoal especializado.

A equipe diretiva supervisiona também a contratação dos professores, usando de tato e sensibilidade quanto aos antecedentes dos futuros professores das escolas lassalistas, e

trabalhando cuidadosamente para se dar conta de que eles se sentem comprometidos na missão da escola. Mesmo que a maioria das declarações sobre a missão não sejam tão minuciosas, a ponto de detalhar concretamente a dimensão ecumênica da missão da escola, os professores, católicos ou não, devem ser selecionados entre aqueles que sintonizam com a visão da unidade visível articulada pela igreja, e apóiam um ambiente de fé onde a reconciliação e os relacionamentos cada vez mais profundos entre as igrejas constituam uma prioridade. Contratar para a missão é parte integrante da tarefa administrativa. Não deve ser contratado um professor que veja no catolicismo unicamente qualquer outra denominação de religião. Da mesma maneira, não deve ser contratado um professor que não esteja aberto e interessado numa comunhão cada vez mais profunda entre os cristãos e suas igrejas. O professorado não-católico deve compreender os compromissos dos católicos com a unidade cristã e o diálogo.

### **Ambiente que deve ser mantido**

Mesmo que professores não especializados em religião, ou não participantes das equipes da pastoral escolar, possam não estar a par das tratativas da Igreja Católica com outras Igrejas, devem ter um espírito ecumênico de apoio, e ter à disposição os documentos necessários, para se tornarem receptivos aos encaminhamentos junto às outras igrejas, em vista do estabelecimento da comunhão pela qual oramos.

Pesquisas em algumas culturas provam que um número crescente de católicos vêm à Igreja apenas pela preferência por uma, dentre essa superabundância de opções religiosas. Em situações assim, necessitamos de uma comunidade unida e comprometida para fortalecer a identidade religiosa de nossos alunos, e mover seus corações com amor pela Igreja, bem como para garantir que tenham um avultado manancial de conhecimentos religiosos. Não se presta serviço à unidade das igrejas mediante uma cultura de tolerância, indiferença e neutralidade religiosa.

Os relacionamentos com outras igrejas estão mudando constantemente; na maioria das vezes para melhor. Portanto, a atenção dada a esses relacionamentos é um permanente desafio. Inclusive, malogros que acontecem nos relacionamentos particulares, são ocasiões para rezar uns pelos outros e para um conhecimento mais profundo entre os cristãos, como o *Diretório Ecumênico* adverte: “ *Nos lugares onde, na prática, não se realiza nenhum trabalho ecumênico, os católicos devem procurar promovê-lo. Nos lugares onde esse trabalho encontra oposição ou freamentos por atitudes sectárias ou atividades que levam a divisões ainda maiores entre os que professam o nome de Cristo, que os católicos sejam pacientes e perseverantes*” (Diretório, N° 23). De vez em quando, as reuniões de professores e os retiros do pessoal proporcionarão um padrão para pôr em dia ou para assinalar os desenvolvimentos em curso, mesmo que sem tentar promover profundidade alguma no compromisso.

Criar um clima na escola onde encontros com outros líderes das igrejas sejam normais e bem-vindos, proporciona uma ambiência simbólica e com potencial educativo em si mesma. Quando a escola tem a vantagem de contar no seu corpo de professores outros cristãos comprometidos, seu testemunho ante os outros colegas através da oração e ante os alunos nos serviços de oração ecumênica podem plasmar a comunidade ecumênica em que se estão iniciando os alunos.

Numa escola, predominantemente católica, será necessário um esforço especial para proporcionar oportunidades para que ministros e pastores de outras igrejas participem em serviços ecumênicos. Também deve ser prestada atenção para criar possibilidades de diálogo, e

oportunidades de visitar outras igrejas. O currículo deve prever o dar-a-conhecer outras igrejas e a história e o conteúdo das relações católicas com elas (*Formação Ecumênica, nºs 22-26*).

Nas escolas com representação de outras comunidades cristãs, será elogiável que os professores conheçam as igrejas dos alunos e dos professores não-católicos. Esses cristãos devem sentir-se bem acolhidos. Todos os alunos cristãos deveriam considerar sua presença como uma oportunidade de aprendizagem ecumênica e de promoção da unidade entre as igrejas a que pertencem. Deve evitar-se qualquer intento de abalar a fé cristã dos alunos ou dos professores, bem como utilizar a escola para o proselitismo (*Directorio, Nº 99*).

Comprometer-se no diálogo teológico não é fácil no contexto amplo da escola, mas as ocorrências ecumênicas importantes podem ser celebradas e ser tomadas francamente em consideração ao nível da escola. Um exemplo. Por ocasião da visita do Papa a um país, como a Grécia ou a Suécia, um sacerdote ortodoxo, ou um pastor luterano, pode visitar a escola, ou pode celebrar-se um serviço ecumênico, para que o acontecimento receba o devido destaque por parte dos alunos. A assinatura da *Declaração Conjunta sobre a Doutrina da Justificação*, em 1999, ou seu aniversário em outubro do ano seguinte, podem ser oportunidades para uma celebração de oração e um reconhecimento da maneira diferente como vemos a Reforma hoje, como consequência desses quarenta anos de diálogo.

Pode ser que os acontecimentos teológicos não sejam apropriados para estudo dos jovens, mas as ocorrências e as perspectivas de outras igrejas podem ser celebradas liturgicamente. Isto pode ajudar-lhes a se verem como parte integrante dos momentos históricos no caminho da reconciliação. Em ambientes com tensões particulares entre cristãos, pode ser fundamental que os alunos entrem em contato com líderes respeitados, respeitosos e ecumênicos de suas comunidades de origem, com as quais o relacionamento seja particularmente difícil.

A contratação de professores para a missão lassalista pode ser um desafio difícil para o diretor de um centro escolar. Temos que ser igualmente sérios na contratação e na seleção dos professores de religião como o somos para os professores de Física ou de Línguas. Contudo, mesmo com professores competentes, os resultados dos diálogos são tão vastos, tão técnicos do ponto de vista teológico, e tão diversos, que é difícil para um professor comum estar a par de todos esses assuntos.

Os encontros de grupos, cursos e diálogo podem ser úteis para os professores. Para ajudar a uma comunidade ministerial a estar à altura da vida e da pastoral da Igreja, será valioso proporcionar oportunidades e possibilidades de preparação para revisar os compromissos ecumênicos católicos, sobretudo quando impactam sobre a situação particular da comunidade implicada. Visto que o diálogo ecumênico é uma peregrinação rumo à unidade visível, os resultados dos diálogos e as novas decisões intervêm constantemente nos relacionamentos entre as igrejas. Essas etapas ao longo do caminho necessitam de oportunidades de celebração e de reflexão nas escolas lassalistas.

Para todo o *staff* da escola lassalista é fundamental tomar em consideração os elementos peculiares da cultura local, que põem à prova a identidade católica e seu componente ecumênico. Importa muito evitar o tipo de cristianismo difuso, já lembrado acima, que não tem nenhuma serventia para a visão ecumênica da Igreja. Peter Phan assinala: “*Conquanto o diálogo [ecumênico] intra-cristão e inter-religioso seja imperativo para a teologia e a prática cristãs contemporâneas, não é factível nem produtivo na educação religiosa tender genericamente à formação de uma atitude e identidade cristãs, visto que, somente mediante uma comunidade*

*específica de fé, com suas próprias crenças, rituais e práticas éticas e espirituais, uma pessoa consegue acesso e se socializa no patrimônio cristão comum*” (Phan, página 171). Não há ecumenismo real sem um compromisso firme e confiante para levar o catolicismo à mesa do diálogo.

Sob um outro aspecto, alguns prefeririam ver o compromisso com a unidade e com outras igrejas como um adicional, uma vez completada a “formação católica”. Isto tem tanto sentido como teria o daqueles que quisessem somente latim na liturgia dos jovens, até que tivessem dominado totalmente a compreensão da missa. Não existe maneira mais rica para aprofundar o apreço pessoal de sua própria comunidade que partilhar as riquezas dela com outros.

### **O Responsável pela Pastoral**

O responsável pela pastoral escolar, lá onde houver, exerce uma função muito digna de consideração no serviço à missão ecumênica da escola. O Diretório Ecumênico recomenda explicitamente: *“Encontros e discussões com outros cristãos”, inclusive “encontros com estudantes de outras igrejas e comunidades eclesiais”*. Nessa espécie de aprendizagem experimental *“é muito importante e indispensável a exigência de progressividade e de adaptação”*. A colaboração ecumênica e seu progressivo desenvolvimento são importantes nos projetos de serviço. A reflexão sobre as implicações ecumênicas, para a Igreja Católica, é uma dimensão de relevância da formação espiritual e da reflexão teológica sobre o projeto de serviço ecumênico”. (*Directório, nºs 55 e 56*).

A escola é também o espaço onde os alunos e o *staff* aprendem a distinguir entre artigos dos jornais e revistas sobre o catolicismo e sobre outras confissões cristãs, e a realidade de como as igrejas vivenciam a fé, o testemunho público, e as suas relações mútuas. Todo contexto cultural é diferente dos outros: *“A formação ecumênica exige uma pedagogia adaptada às situações concretas da vida das pessoas”* (*Directório, nºs 55-56*).

No nosso labor educativo ecumênico, isto significa tirar proveito do apoio dos responsáveis ecumênicos diocesanos, estar dispostos a fornecer educadores para servir na comissão ecumênica, e promover na escola os relacionamentos, os acordos e os programas ecumênicos da diocese. Esta interdependência na educação católica não significa que todas as iniciativas ecumênicas procedam da diocese ou do clero. A escola tem um papel saliente a serviço do bispo e da Igreja no desenvolvimento de novos relacionamentos e modelos ecumênicos.

Muitos ministérios lassalistas se convertem em laboratórios criativos e imaginativos para as relações e a formação ecumênica. Para citar apenas um exemplo, a antiga Sede Provincial de Saint Louis (USA) atualmente é um centro de reuniões. Assim como muitos centros católicos de reunião, acolhe uma multiplicidade de congregações cristãs e de ministérios ecumênicos que ali realizam seus retiros. Acolhe também uma paróquia anglicana que utiliza a antiga capela do Noviciado como igreja sua na liturgia do domingo. Uma congregação batista afro-americana utiliza os antigos gabinetes do Provincial para seu secretariado durante a semana.

A Rede San Gabriel de Filadélfia, oferece serviços católicos, protestantes e muçulmanos, e capelães para as celebrações sob a responsabilidade lassalista. O Centro de Espiritualidade da Província de Baltimore não apenas acolhe uma ampla variedade de grupos eclesiais e ecumênicos, mas também colabora regularmente com o Centro de Retiro Episcopal perto de

Clagett. Essas iniciativas nunca poderiam surgir de planejamentos arquidiocesanos nem de normas abrangentes do Instituto.

A direção ou a liderança pode cair em duas tentações:

1. Existe o perigo de identificar o ecumenismo e o diálogo inter-religioso com a retirada de todo conteúdo religioso, e a conseqüente secularização da instituição. Uma coisa é fundamental na identidade ecumênica católica: é a clareza teológica a respeito dos diferentes objetivos do diálogo ecumênico e inter-religioso, o papel central de uma vigorosa convicção de fé, nos dois casos, e a abertura católica à riqueza da tradição intelectual e do diálogo com aqueles de quem divergimos, a partir de uma posição de honestidade e de verdade.
2. A outra tentação é ver as escolas e os outros ministérios como veículos de proselitismo ou triunfalismo católico, o que significaria uma volta a certa teologia pré-conciliar. O catolicismo se percebe em comunhão real, ainda que imperfeita, com todos os cristãos, e se compromete no diálogo com igrejas particulares com o objetivo comum de uma comunhão plena. Portanto, os relacionamentos ecumênicos são um assunto interno dos cristãos. As direções das escolas lassalistas têm um desafio particular de evitar estes dois escolhos.

### **A Participação Sacramental**

A condução de um apostolado lassalista tem necessidade de sensibilizar-se quanto à posição católica sobre a participação nos sacramentos, devido a essa questão surgir amiúde no contexto escolar de liturgias, retiros, funerais e programações para os pais, especialmente no que diz respeito a partilha da Eucaristia. O conceito de como partilhamos o mistério da Eucaristia se prende à interpretação de nosso batismo comum, do mistério da Igreja e sua unidade, e os níveis de comunhão na fé que desenvolvemos.

Muitos quereriam reduzir a questão à interdição total de qualquer partilha sacramental, ou a uma irrefletida hospitalidade aberta. Todavia, a posição eclesial dos católicos é um discernimento mais complexo. Haveria melhor lugar que uma escola católica, ou o ministério a serviço dos pobres, para educar nas profundidades do mistério da Eucaristia na Igreja, e em suas implicações práticas?

Todas as igrejas cristãs reconhecem dois princípios na celebração da Eucaristia:

1. Ela representa a comunhão em Cristo, e, portanto, é um sinal de unidade entre aqueles que a recebem.
2. Ela é um meio para construir a unidade entre os cristãos batizados.

Estes dois princípios básicos são tomados em conta juntamente, como o Diretório observa. Portanto:

*“... a Igreja Católica, de maneira geral, dá acesso à comunhão eucarística e aos sacramentos da penitência e unção dos enfermos unicamente àqueles que estão na sua unidade de fé, de culto e de vida eclesial. Pelas mesmas razões reconhece também que em certas circunstâncias, pode ser autorizada, ou inclusive recomendada a admissão de cristãos de outras igrejas e comunidades eclesiais a estes sacramentos”* (Diretório, Nº 129).

É importante que o apostolado lassalista tenha lugares onde se conheçam essas condições e se admita sua aplicação específica nas dioceses locais ou na Conferência Episcopal. É também importante dar-se conta que a aplicação desses princípios pode variar de uma Conferência Episcopal a outra, ou entre duas ou mais dioceses.

Os critérios para a admissão de ortodoxos do leste europeu e orientais, da igreja assíria e dos católicos nacionais poloneses nos Estados Unidos, são muito mais abertos pastoralmente do lado católico, por causa do reconhecimento do ministério sacerdotal e, portanto, do mistério eucarístico pleno nessas igrejas. Todavia, com exceção dos sírios ortodoxos [orientais], os católicos nacionais poloneses e a igreja assíria oriental, estas igrejas não permitem que os católicos recebam a Eucaristia em suas igrejas, nem que seus membros a recebam dos sacerdotes católicos. Declarações conjuntas entre o Papa João Paulo II e os Patriarcas sírio e assírio abriram o caminho para partilhar os sacramentos quando se derem garantias pastorais, o que seria aplicável no contexto escolar. A igreja católica nacional polonesa nos Estados Unidos foi considerada pela Santa Sé na mesma situação que as igrejas orientais, nesta matéria.

Com as igrejas da Reforma, o problema é mais complicado, mas não menos importante, no contexto da comunidade escolar. Os católicos nunca recebem o sacramento da reconciliação nem a Eucaristia nessas igrejas, porque ainda não foram resolvidos os temas do ministério da ordem, ou totalmente reconhecidas suas celebrações sacramentais, mesmo que reconheçamos seu caráter sagrado e de doadores de graças. Com algumas delas, como a luterana e a anglicana, foram estabelecidos acordos sólidos sobre o sentido da Eucaristia. Contudo, nossa capacidade de comunicação com eles, espera a plena reconciliação eucarística.

As ocasiões em que os membros dessas igrejas podem receber a eucaristia numa missa católica, por uma exceção pastoral, requerem mais discernimento. No Diretório não constam nem permissão nem proibição gerais. O que consta, mais uma vez, é muito específico: *“Os ministros católicos julgarão os casos particulares, e só administrarão este sacramento em conformidade com as normas, lá onde existirem. Em outros casos, julgarão de acordo com as normas deste Diretório. As condições segundo as quais um ministro católico pode administrar os sacramentos da Eucaristia, da Reconciliação e da Unção dos Enfermos a uma pessoa batizada que se encontrar nas circunstâncias antes mencionadas, são que essa pessoa se encontre na impossibilidade de recorrer a um ministro de sua igreja ou comunidade eclesial para o sacramento desejado; que ela solicite o sacramento por seu próprio desejo, que manifeste a fé católica nesse sacramento e que esteja devidamente disposta”* (Diretório, 130-131).

A aplicação das normas pode variar de diocese para diocese e de uma conferência episcopal para outra, de acordo com as necessidades pastorais da situação e o parecer do bispo local. Por exemplo. A África do Sul e as Conferências Episcopais da Grã Bretanha e Irlanda publicaram diretrizes. A Conferência Episcopal dos Estados Unidos não as publicou, ainda que muitas dioceses o fizessem. Algumas reservam a decisão individual ao bispo ou à sua comissão ecumênica; outras o deixam nas mãos das pessoas que se apresentam e do ministro católico local, dentro das linhas do Diretório.

O diretor de uma escola católica, especialmente quando há outros grupos de cristãos representados entre os professores e os alunos, deverá estar bem a par, não só da posição católica, mas também das disposições do bispo local e, lá onde convier, da conferência episcopal. No contexto escolar, amiúde é possível que a pressão dos colegas e os

relacionamentos culturais entre grupos de igrejas, exerçam uma influência que leve a fazer caso omissos dos acordos das igrejas e de seus sacramentos.

Algumas igrejas cristãs, por exemplo, os ortodoxos, por um lado, e os metodistas, por outro, têm uma compreensão da igreja e de sua prática eucarística que se diferenciam amplamente da fé e da prática católicas. Todos os alunos, o *staff* e a administração atingidos devem entender esses pontos de vista e conceber uma estratégia pedagógica que seja, ao mesmo tempo, sensível pastoralmente e efetiva educativamente. Não praticamos a comunhão aberta, mas compreendemos a fé em que se baseia e respeitamos as igrejas que a praticam. Não proibimos toda a partilha sacramental, mas observamos as práticas das igrejas que incitam ou não seus membros para comungarem conosco, mesmo que seja permitido.

Estas e outras sensibilidades e iniciativas administrativas formam parte daquilo que é apropriado na formação dos lassalistas, para servir na liderança de nossos ministérios. Não há nenhum motivo para que a administração lassalista se limite aos católicos, mas é importante que estejam equipados com a visão e os compromissos da educação católica, incluídos seus recursos ecumênicos, esperanças e práticas.

Algumas iniciativas gerais:

- Oração comum, Semana de oração...
- Formação de uma comunidade de fé ecumênica.
- Contratar professores e administradores para a Missão, inclusive para a unidade dos cristãos.
- Formação permanente em ecumenismo.
- Currículo católico de informação ecumênica.
- Projetos de reflexão sobre o serviço ecumênico.
- Colaboração com a diocese sobre a programação ecumênica.
- Celebrações de ocorrências e de experiências de diálogo.
- Políticas escolares e pastorais, sensíveis ao ecumenismo.
- Conhecimento do ambiente ecumênico e sensibilidade ante as culturas em que os alunos e os professores convivem.

### **Cristãos Não-católicos na Missão Lassalista**

No serviço educativo a pobres, o apelo a irmãos cristãos não-católicos para serem colaboradores no ministério, e fazer dele objeto de seu próprio apostolado, é parte integrante da identidade católica e do ministério lassalista. Em determinados contextos, como na Grécia ou no Egito, os alunos vêm de ambientes ortodoxos. Nesses contextos há muitas feridas históricas a curar.

Para algumas de nossas igrejas colaboradoras, como as igrejas afro-americanas dos Estados Unidos, o serviço a pobres e o apoio à fé dos jovens, sem cair no proselitismo, são bases primárias de nosso desenvolvimento espiritual cristão comum, respeito mútuo e conhecimento, e a base para o diálogo e um compromisso duradouro rumo à unidade. A vocação educativa do povo simples e pobre, inerente ao carisma lassalista, é uma característica dos cristãos afro-americanos de que partilhamos. Para os católicos, este compromisso surge do ver nossa Igreja em comunhão real, mesmo que ainda imperfeita, com outras igrejas.

Este compromisso com outros cristãos não apenas se reforça pelo compromisso católico. Reforça-se também com as dimensões do carisma lassalista: “Serviço educativo a pobres”, e “catequistas por vocação”. Ao ajudar os pobres a viver a fé em Cristo, movendo seus corações e

promovendo a educação humana e religiosa, os lassalistas consideram a fé cristã dos pobres – católicos, protestantes, ortodoxos – com máxima seriedade. Não podemos amar os pobres sem amar e desejar conhecer a fé e as igrejas dos pobres. Na comunidade norte-americana dos Estados Unidos, os professores católicos devem saber que a Santa Sé mantém diálogo com as igrejas Batista, Metodista, e Pentecostal a que pertencem a maioria dos cristãos afro-americanos. Em outras culturas, diversos meios de diálogo contribuirão para a aproximação a nossos professores e alunos não-católicos.

Todavia, como educadores identificados com as necessidades dos pobres, os lassalistas também sabem que o destaque posto em Cristo, nos relacionamentos comunitários e na contribuição para a libertação dos grilhões da pobreza, da ignorância e dos preconceitos religiosos e raciais, é básico para os jovens em idade escolar, seus professores e o clero. Tais preocupações libertadoras são necessariamente anteriores aos assuntos da natureza e da unidade das igrejas. A unidade no serviço do Reino, baseada numa fé comum, precede o estudo dos assuntos sacramentais e eclesiológicos da reconciliação, que nos dividem. Os católicos lassalistas constroem relacionamentos humanos melhor adaptados à promoção humana e à libertação entre as pessoas, as igrejas e as escolas da comunidade.

Dado que as prioridades da atividade pastoral dos cristãos de diferentes igrejas no serviço a pobres são espirituais, proféticas, colaboradoras e libertadoras na comunidade, mais que exclusivamente teológicas, a escola lassalista é um espaço privilegiado para que católicos, ortodoxos e protestantes trabalhem, ombro a ombro, na construção do Reino através do empreendimento educativo comum. Como disse o Papa João Paulo II, a colaboração será a escola do ecumenismo. Nisto, a escola lassalista poderá estender as pontes de reconciliação, a que a Igreja católica se comprometeu. Essas escolas são centros onde nem os bispos nem os teólogos têm a experiência ou a possibilidade de exercer uma liderança.

Mas, os lassalistas são também “catequistas por vocação”. Portanto, um aspecto integrante da formação dos educadores lassalistas será o conhecimento de seus alunos, suas igrejas e seus ministros. O diálogo entre a Igreja católica, e essas igrejas metodista, pentecostal, batista... será um recurso no trabalho com a comunidade afro-americana nos Estados Unidos, como o diálogo entre os anglicanos, protestantes e ortodoxos o será em outros contextos. Contudo, os responsáveis por essas comunidades, os ministros e o clero local de qualquer igreja, serão colaboradores na educação religiosa dos alunos, da família e dos responsáveis pela escola.

A oração comum e a partilha espiritual terão lugar em todas as escolas lassalistas, mas sobretudo naquelas que acolhem uma população cristã diversa. Como o Diretório Geral para a Catequese ressalta, o conhecimento da fé dos outros cristãos deve ser um aspecto da catequese católica.

É de toda conveniência que se dêem oportunidades aos pastores e sacerdotes não-católicos para exercerem seu ministério junto dos alunos lassalistas de suas confissões, assim como fazem os sacerdotes católicos junto dos alunos católicos. As escolas lassalistas estão numa posição única para levar o clero das diferentes comunidades locais, a dialogar a respeito da educação, da colaboração entre as igrejas, do auxílio às famílias, dos direitos das crianças e dos jovens, e mesmo do diálogo sobre a fé. O diálogo do amor é a base do diálogo da verdade. Neste o educador lassalista pode ser um instrumento de formação ecumênica, tanto na escola como na paróquia.

A dimensão prática do carisma lassalista permite à escola católica o desenvolvimento de estratégias criativas, inovadoras e pioneiras para mobilizar os recursos das igrejas divididas para o serviço dos pobres, mediante a educação, e gerar novas maneiras que permitam, na escola lassalista, que o apelo do Evangelho à unidade, sirva também para as outras igrejas ali representadas. Quando o Santo Padre diz que os resultados do diálogo devem tornar-se um “patrimônio comum”, está lançando um desafio aos catequistas lassalistas, chamados a construir pontes de reconciliação religiosa, adaptadas ao estilo de ensino e aos currículos próprios de cada escola lassalista.

Os sacerdotes e os ministros de outras comunidades que assimilaram a perspectiva lassalista serão cooperadores particularmente úteis para o discernimento das prioridades catequéticas e as agendas ecumênicas dessas comunidades. Nas gerações futuras, os educados no Evangelho de Jesus Cristo, unidos no conhecimento mútuo das igrejas e no zelo pela unidade dos cristãos, fornecerão o corpo de lideranças que contribuirão na renovação de nossas igrejas e em sua comunhão, com atenção ao serviço dos pobres de nossas comunidades de todo o mundo.

### **A Responsabilidade Lassalista**

São João Batista de La Salle se devotara totalmente à Igreja e à renovação dela, aos pobres e à educação humana e religiosa, e a um corpo de educadores cuja fé e zelo transformariam os corações movidos por eles. Se os cristãos se devem reconciliar e a comunidade ser transformada através da educação, essa visão lassaliana será um fator-chave no futuro ecumênico da Igreja.

Os princípios católicos na condução dos alunos pertencentes a outras igrejas, são muito claros, assim como o Diretório os enuncia:

*“Nas escolas e instituições católicas, devem-se empenhar todos os esforços para respeitar a fé e a consciência dos alunos e dos professores de outras confissões ou comunidades eclesiais. Em conformidade com os estatutos aprovados, as autoridades dessas escolas e instituições devem cuidar que o clero das outras comunidades tenha todas as facilidades para desempenhar seu ministério espiritual e sacramental junto dos fiéis que freqüentam tais escolas e instituições. Tanto quanto as circunstâncias o permitirem, com a permissão do bispo da diocese, essas facilidades podem ser oferecidas nos estabelecimentos católicos, inclusive a igreja ou a capela”* (Diretório, § 141).

Desnecessário dizer que, a maneira de aplicar essas diretivas depende da população escolar, dos recursos da escola e das diretivas diocesanas.

É notória a experiência de algumas de nossas escolas nos Estados Unidos, mas, evidentemente, ela não pode ser aplicada em toda a parte. Temos a Escola *São Miguel, de ensino médio, em Chicago*, com apenas três alunos católicos, onde um dos pastores negros da paróquia dá as aulas de religião. É evidente que, para a Igreja Católica, este contexto traz em si:

- a) Essa escola cria uma nova imagem e uma nova compreensão do catolicismo num ambiente onde os católicos são minoria.
- b) Essa escola não depende unicamente do financiamento dos católicos na sua fundação e subsistência, mesmo sendo explicitamente religiosa e católica. - A *Christian Brothers' High School*, em Memphis, sempre contou com uma elevada proporção de alunos cristãos não-católicos e mesmo judeus. Desde 1940, esses alunos freqüentavam aulas

especiais de “ética”. Hoje, entre os professores dessas classes, há um grego ortodoxo, diplomado nessa mesma escola, e um presbiteriano profundamente compenetrado da espiritualidade de São João Batista de La Salle. Há alguns anos, um bispo anglicano local recebeu um diploma de distinção especial de antigo aluno dessa *High School*.

Na maioria dos casos, tanto a escola como os pais desejam que os cristãos de outras igrejas tenham lições da religião católica, da maneira mais apropriada. Contudo, nessas situações, os professores de religião deverão estar muito atentos ao diálogo com as igrejas cristãs a que seus alunos pertencem, assegurando-se que, tanto os católicos como os outros alunos, saibam até onde se chegou no diálogo, quais são as diferenças que permanecem, e que passos se estão dando para resolver esses assuntos que dividem as igrejas. Convém muito que conheçamos os diálogos do Vaticano com as igrejas particulares predominantes entre os alunos. O ideal seria que os catequistas conhecessem a fundo o patrimônio católico e, ao mesmo tempo, fossem conhecedores das igrejas representadas na escola, e se comprometessem a acompanhar a evolução ecumênica das igrejas. Contudo, há dificuldade em proporcionar material para tais programas.

Os professores das escolas lassalistas, pelo menos a nata deles, devem comprometer-se abertamente com a missão da escola e do Evangelho, incluído o imperativo ecumênico. Com certeza, os colegas cristãos não-católicos podem ser tão dedicados aos alunos, tão aplicados na missão e tão comprometidos com a fé cristã como os identificados com nossa Igreja. Esses colegas cristãos comprometidos, que se dedicam ao programa ecumênico de sua igreja e se abrem à evolução que esta já realizou com a Igreja católica durante décadas, constituem recursos particularmente valiosos. *A Dimensão Ecumênica na Formação daqueles que trabalham no Ministério Pastoral* é uma contribuição digna de nota para o desenvolvimento do professorado e dos componentes do *staff*, tanto católicos como não-católicos.

Nas reuniões do *staff* e nos retiros dos professores, é muito conveniente beneficiar-se da presença de cristãos de outras igrejas para partilhar sua história. Quando forem anunciados acordos entre a Igreja Católica e outras igrejas que estiverem representadas significativamente por fiéis, na administração, professores ou alunos, o reconhecimento do fato e as oportunidades para celebrações de partilha e de afirmação comum, contribuem para o aprofundamento da experiência de uma comunidade de fé na escola.

Um corpo docente pluralista do ponto de vista religioso, pode ser uma grande vantagem, caso houver um vigoroso engajamento na missão da escola católica, e se, entre os professores não-católicos, se encontrarem quem sigam com interesse e benevolência os compromissos ecumênicos de suas igrejas para com a Igreja católica, rumo à unidade. Todavia, é preciso ser prudente quando não há precauções suficientes na seleção dos professores, e quando as questões de fé e de missão estão ausentes nos processos de contratação.

Poderia ser muito proveitoso que cristãos não-católicos fossem estimulados a se reunirem, para ouvir suas reflexões sobre a missão lassalista de nossas instituições como cristãs e católicas: como sua herança particular influenciou em sua vocação em nosso contexto; e como o contexto lassalista enriqueceu sua própria vida de fé e seu compromisso de Igreja. Pode-se refletir também sobre a utilidade das comunidades religiosas para dar aos colegas cristãos leigos não-católicos um espaço de reflexão entre o carisma de São João Batista de La Salle e as riquezas de sua igreja e sua espiritualidade. Na realidade, as ocasiões de partilhar os dons são ilimitadas.

## O Currículo Lassalista

Os professores de religião devem ser selecionados para formarem parte desse núcleo de colegas voltados para a missão. Mas, a dimensão religiosa da escola lassalista, assim como sua programação ecumênica, não podem ser relegadas unicamente aos professores de religião. Estes devem ser eficientemente habilidosos nos relacionamentos, e serem capazes de mover os corações de seus alunos. Há sempre alunos para os quais a dimensão relacional do Evangelho será mais importante, em certos momentos de seu desenvolvimento, do que o conteúdo cognitivo da tradição. O corpo docente orientado para a missão deve ocupar-se especialmente daqueles que se afastaram da fé, por motivos de família, de fase de desenvolvimento ou de convicção pessoal. Este espírito evangélico deve ser a característica de um círculo mais amplo que o dos professores de religião.

Quando passamos para um modelo catequético renovado, nas vésperas do Concílio, e vimos muitos de nossos princípios catequéticos, querigmáticos, litúrgicos e bíblicos apoiados pelos documentos do Concílio, pouco sabíamos das dificuldades que teríamos que enfrentar nesses quarenta anos de renovação catequética. O Guia das Escolas de São João Batista de La Salle ainda era um fator que orientava a educação lassalista. A partir do Concílio e dos Capítulos de renovação, a catequese lassalista se inculturou num conjunto de contextos. As Editoras e Imprensas lassalistas e os centros catequéticos deram uma contribuição valiosa à renovação do ensino religioso nos ambientes onde se localizam.

A contribuição do diálogo ecumênico e os ensinamentos do Magistério são elementos-chaves no programa de renovação lassalista. Visto os textos e os currículos serem um apoio para o educador lassalista, que é “catequista por vocação”, tanto o educador como os recursos utilizados têm que estar profundamente imbuídos dos melhores princípios de formação ecumênica que a Igreja católica pode fornecer. Os passos dados rumo à comunhão cada vez mais profunda entre os cristãos, são contados entre os resultados mais apaixonantes da visão conciliar da Igreja. Suas inferências em nossa catequese têm sido ricas e estimulantes.

Evidentemente, a base da escola católica está fornecendo uma programação totalmente integrada com o patrimônio católico, orgulhoso de estar situado entre as disciplinas de ensino: *“Os estudantes, antes de tudo, deveriam conhecer bem o que é a Igreja católica, e serem capazes de dar testemunho de seu ensino, de sua disciplina e de seus princípios de ecumenismo. Quanto melhor conhecerem tudo isto, melhor poderão expô-lo nas discussões com outros cristãos, e justificá-lo adequadamente. Também deveriam ter um conhecimento correto das outras igrejas e comunidades eclesiais com que se relacionam. Será preciso tomar em séria consideração as diversas condições anteriores ao compromisso ecumênico que são apresentadas no Decreto do Concílio Vaticano II sobre o Ecumenismo”* (Diretório, nº 24).

O Santo Padre está particularmente interessado em que os catequistas desempenhem seu papel incorporando na instrução católica os resultados do avanço ecumênico: *“Na etapa a que chegamos, tal dinamismo de mútuo enriquecimento deve ser tomado seriamente em consideração”*... *“temos uma tarefa nova a realizar: como receber os resultados já conseguidos até agora. Estes não podem permanecer como simples afirmações das comissões bilaterais, mas devem tornar-se patrimônio comum. Para que isto se verifique, reforçando assim os laços de comunhão, é preciso um sério exame que, segundo modos, formas e competências diversas, há de envolver todo o povo de Deus”* (Ut Unum Sint, N°s 87 e 80).

Antes que os alunos possam assimilar completamente esses resultados, os catequistas quererão saber o que já se tem feito, e ajudar a adaptá-lo aos níveis de idade e de estilos de aprendizagem dos alunos e dos contextos particulares. A catequese desempenha uma função especialmente saliente na transmissão de conhecimentos e na formação de “uma atitude genuinamente ecumênica”. O Diretório (Nº 6) assinala cinco elementos de importância na dimensão ecumênica da catequese:

- a) Conteúdo sólido, ensinado dentro de uma aceitação da “hierarquia de verdades”.
- b) Instruir honradamente sobre as outras igrejas, reconhecendo nelas meios de salvação.
- c) Ajudar os alunos a se purificarem, alimentando neles um desejo verdadeiro de unidade.
- d) Preparar os católicos, jovens e adultos a conviverem com outros cristãos, e
- e) Manter uma clara perspectiva sobre a distinção entre as verdades de fé e sua expressão.

Estes elementos são repetidos no Diretório Geral da Catequese.

Dentre as secções mais importantes do currículo católico para o conteúdo e a receptividade ecumênicos, encontra-se a do “ecumenismo espiritual”, enraizado no batismo comum e que expressa a comunhão real, ainda que imperfeita, entre todos os cristãos. O quarto capítulo do Diretório Ecumênico, “Comunhão de vida e de atividade espiritual entre os batizados”, deve tornar receptiva toda a catequese sacramental. Não somente assinala prioridades católicas no ecumenismo espiritual, mas também detalha a compreensão e a prática da partilha sacramental, especialmente da Eucaristia e do Matrimônio.

Se os resultados do diálogo em que a Igreja católica se viu empenhada nos últimos 39 anos se tornarem patrimônio comum, como o Santo Padre sugere e deseja, será preciso dar um jeito de incluí-los nos programas de todos os níveis de ensino.

A Santa Sé, através do Conselho Pontifício para a Promoção da Unidade dos Cristãos, e muitas Conferências Episcopais de todo o mundo, entraram em diálogo com muitas igrejas: ortodoxa, anglicana, protestante histórica, pentecostal, evangélica, e outras. A minuciosa investigação bíblica e histórica solucionou muitas diferenças sobre assuntos como a Sagrada Escritura e a Tradição, a Eucaristia e o ministério da Ordem, o Batismo e a Natureza da Igreja, Igreja e Autoridade, os Santos e Maria Santíssima. Porém, são textos técnicos com variedade de níveis de acordo. Agora, a tarefa consiste em as comunidades educativas encontrarem a forma para que esses notáveis resultados se tornem parte da corrente principal da vida católica, através de seus programas catequéticos, e dos novos relacionamentos vivenciados.

Tivemos a sorte de obter os principais resultados do diálogo com as outras igrejas, reunidos em publicações de pesquisas disponíveis para as bibliotecas escolares e paroquiais. Contudo, esses recursos teológicos técnicos, por ricos que sejam, têm que ser incorporados em livros de texto, guias de estudo e manuais do professor para acompanhar cada elemento do currículo religioso católico. *(NOTA do Tradutor: No caderno da MEL, nº 10, no rodapé, consta uma longa lista de Editoras, e de Obras sobre o tema, em inglês, em francês, e em espanhol. Essas obras talvez se encontrem traduzidas e publicadas em português. Vasculhando em livrarias e catálogos, pode encontrar-se o material que interessa).*

Algum material mais importante pode ser usado para a formação dos professores de religião e ser útil aos responsáveis e aos membros dos conselhos administrativos. Cabe-nos encontrar algum meio para apresentar os resultados do diálogo ecumênico. Porém, a urgência com que o Santo Padre fala da recepção dos resultados, requer material catequético de informação ecumênica mais abundante, e adaptado a todos os níveis de educação católica.

Temos que encontrar um meio de os resultados do diálogo encontrarem um caminho para chegar aos guias dos professores. Ao ensinar os sacramentos, os professores precisam saber com quais igrejas já existem acordos substanciais, quais estão em diálogo para resolver assuntos existentes, e quais igrejas não têm uma aceitação sacramental idêntica à nossa Igreja e, inclusive, rebatizam os católicos que se filiam a elas. Quando se ensina a Graça e a Reforma, o fato de os luteranos e os católicos termos a mesma fé, e já não nos condenarmos mutuamente devido ao tema central da Reforma – a justificação, graça e boas obras – tudo isto colore o que ensinamos, quer se trate da história do cristianismo, quer do amor gratuito de Deus em Jesus Cristo.

## **A Formação**

*A Formação Ecumênica* põe em destaque três princípios da formação católica:

1. A interpretação
2. A hierarquia das verdades
3. A importância do resultado do diálogo, que se torna herança ou patrimônio comum.

A Catequese lassalista deve interpretar de uma maneira reconciliadora, a Sagrada Escritura e a História da Igreja, bem como a Tradição Cristã que ela contém. Assim, a repreensão de São Paulo aos Coríntios e a assembléia dos Apóstolos no Concílio de Jerusalém, são evidências da presença de um espírito ecumênico desde os primórdios da Igreja. A variedade de testemunhos na Bíblia: os quatro Evangelhos, os diferentes modos de São Paulo tratar as diversas igrejas locais, a variedade das formas de ministérios ou apostolados... tudo isto evidencia a diversidade que caracteriza a comunidade cristã. Os acordos ecumênicos nos apresentam uma nova óptica para ler os textos do Concílio e certos momentos trágicos da história cristã, tais como os primeiros Concílios (431, 451), o cisma entre Oriente e Ocidente, a Reforma: momentos de separação que começaram a ser debelados, no decurso das últimas décadas do século XX.

A hierarquia das verdades não concerne à importância maior ou menor de matérias de fé, mas antes às relações entre aquilo que cremos ser o âmago da revelação de Deus em Jesus Cristo. Por exemplo, nossa crença em Maria Santíssima e sua função na redenção se prende à nossa fé no plano salvífico de Cristo no mistério da salvação. Toda crença na Santíssima Virgem é fé em Jesus Cristo e naquilo que Ele realizou na sua obra de salvação pela Igreja, da qual Maria, a Mãe de Deus, é a primeira dos membros.

Os catequistas fazem distinção entre aquilo que para os católicos é necessário crer e as devoções particulares, que desempenham uma função fundamental numa boa porção da vida católica. Mesmo que a Igreja estimule as devoções, privadas ou litúrgicas, o Concílio alerta contra um excesso de confusão entre os fiéis. A fé cristã, por outro lado, exige a crença na função de Maria Santíssima como Mãe de Deus.

Nós partilhamos com os cristãos protestantes, ortodoxos e anglicanos a fé na função de Maria como Mãe de Deus. Essas igrejas, porém, não partilham conosco que os dogmas da Imaculada Conceição e da Assunção de Maria Santíssima sejam necessários à salvação. Muitos assim crêem, como o próprio Lutero. Ao explicar aos alunos católicos e aos colegas professores de outras confissões religiosas, é importante ressaltar que a Imaculada Conceição diz respeito à graça de Deus concedida a Maria antes de qualquer ação por parte dela. Ela converge expressamente sobre a Encarnação e a iniciativa divina. A Assunção diz respeito ao desígnio de Deus sobre cada um de nós, reconhecendo em Maria o primeiro fruto de nossa ressurreição comum.

Existem na Igreja Católica numerosas e ricas devoções, muitas vezes competitivas, que para os outros cristãos parecem mais demonstrativas que nossa própria vida litúrgica eucarística. É importante para a catequese católica e para nossa comunicação com os outros cristãos, que eles percebam o fundamento da fé que une os católicos numa ampla diversidade de devoções, ou em nenhuma.

À medida que a renovação litúrgica, bíblica e eucarística se aprofundar e a catequese ajudar as pessoas a estabelecer a diferença entre aquilo que a fé exige e o que é permitido em matéria de devoção, as perspectivas católicas a respeito de Maria Santíssima se irão tornando um testemunho mais claro do equilíbrio evangélico. Os católicos não hão de esperar, mesmo que nos estejamos aproximando mais e mais, que a devoção protestante e a ortodoxa assumam a mesma forma dos católicos, como sequer há uniformidade devocional entre os católicos em todo o mundo.

A catequese lassalista, da melhor maneira possível, incorporará os resultados dos diálogos entre católicos e outras igrejas cristãs, com uma perspectiva de interpretação que denote uma compreensão histórica da fé católica e uma aproximação positiva das outras igrejas, e uma exposição da fé que toma em conta a “hierarquia das verdades”. Abrirá caminhos de colaboração e de diálogo. Será clara sobre a maneira como a Igreja Católica se percebe e sobre suas prioridades e princípios ecumênicos. Acima de tudo, procurará mover os corações da comunidade lassalista, para convertê-los ao imperativo evangélico da reconciliação. Se o zelo pela unidade for atado nos corações, como um compromisso com Cristo e com seu desígnio sobre a Igreja, a formação se vai adquirindo à medida do crescimento na fé, conforme a idade e a maneira de aprender de cada um.

**Para partilhar em grupos: Os Desafios Catequéticos**

1. No ministério de vocês, quais são as dificuldades com que se defrontam para fazer surgir um compromisso com a Igreja em favor do apostolado ecumênico?
2. Quais seriam as estratégias catequéticas mais úteis para chegar a um comprometimento com a Igreja e seu desejo de unidade com os outros cristãos?
3. Quais são as tensões que os jovens e os adultos experimentam na interpretação da Igreja e no compromisso dela, sua especificidade e seu objetivo de unidade com os outros cristãos?
4. Quais têm sido os meios ecumênicos mais positivos para fazer conhecer a maneira como a Igreja quer que se compreenda a unidade, e para nela se engajar? Quais são os meios de que mais necessitam nesta dimensão de seu trabalho catequético?

## O Ensino Superior Lassalista

A participação e a função das Universidades e dos Centros Universitários lassalistas está explicitamente expressa no Diretório. As características citadas a seguir devem estar amplamente presentes nessas instituições lassalistas:

“As Universidades são convocadas para ministrar uma formação ecumênica sólida. Dentre as medidas que podem ser adotadas, elencamos as seguintes:

- a) Dar condições a uma dimensão ecumênica dos métodos de ensino e de pesquisa, quanto o tema se presta para isto.
- b) Prever colóquios e jornadas de estudo consagrados às questões ecumênicas.
- c) Organizar conferências e encontros para estudos em comum, trabalhos ou atividades sociais em comum, reservando um tempo para uma pesquisa acerca dos princípios cristãos de ação social e dos meios para pô-los em prática. Essas oportunidades, quer impliquem unicamente católicos ou congreguem católicos e outros cristãos, devem ajudar a promover, quanto possível, uma cooperação com outras instituições de ensino superior da região.
- d) Reservar um espaço nas revistas ou jornais universitários para os relatos de acontecimentos ecumênicos, e também dos estudos ecumênicos mais aprofundados, com preferência dada aos comentários sobre documentos surgidos do diálogo comum entre as igrejas.
- e) Insistir sobre os bons relacionamentos entre os estudantes católicos e os de outras confissões religiosas nas residências universitárias. Mediante uma iniciação adaptada, eles podem aprender a viver juntos num espírito ecumênico mais profundo, e ser mutuamente testemunhas fiéis de sua fé cristã.
- f) Enfatizar a oração pela unidade, não somente na semana prevista para isto, mas também em outras ocasiões durante o ano, é importante. De acordo com as circunstâncias de lugar e de pessoas, e também das normas existentes quanto à partilha cultural, retiros comuns, sob a orientação de um mestre espiritual, podem também ser efetivados.
- g) Tirar proveito da existência de uma área vasta para o testemunho comum, em obras sociais e de ajuda mútua. Os estudantes devem ser formados e animados neste domínio, não somente os estudantes de teologia, mas também os de outras faculdades, como direito, sociologia, ciências políticas... Por sua contribuição, esses estudantes ajudarão a promover e realizar tais iniciativas.

Os capelães, os conselheiros dos estudantes e os professores deverão especialmente tomar a peito o cumprimento dos seus deveres em espírito ecumênico, sobretudo organizando algumas das iniciativas acima mencionadas. Este labor exige um conhecimento profundo da doutrina da Igreja, uma competência adequada nas disciplinas, uma profunda prudência e o sentido do equilíbrio: todas essas qualidades deveriam permitir-lhes ajudar os estudantes a harmonizar sua vida pessoal de fé com a abertura aos demais” (*Directório, nº 89*).

Nossas equipes diretivas e administrativas de educação superior lassalista são muito pluralistas em sua composição, sua experiência e nas comunidades atendidas. A maneira como realizamos sua seleção e sua formação é adaptada às necessidades de nossas instituições e, assim se espera, às perspectivas da Igreja. A dimensão ecumênica dessa missão somente pode ser uma pequena, mas importante dimensão da visão, formação e liderança adaptadas às necessidades e ao contexto de cada instituição. Mas, esta dimensão ecumênica sempre corre o risco de ser considerada como dando-se por si, ou ser deixada de lado como insignificante.

Os conselhos diretivos, bem como os estudantes e o corpo docente, muitas vezes são pluralistas do ponto de vista religioso. Pode ser de utilidade que demos a nossos colegas católicos, bem como aos de outras igrejas e de outras religiões a oportunidade de presidir uma oração e de compreender como desenvolver relacionamentos entre os católicos e suas próprias comunidades. Dando-se o caso, pode-se entregar uma cópia de algum novo resultado de diálogo, por exemplo, entre ortodoxos e católicos, a um colega ortodoxo.

É importante compreender a contribuição do currículo e do apostolado exercido nos campus ao relacionamento com alguma comunidade à qual algum membro do *staff* pertença. Se algum professor ou algum grupo tiver demonstrado sua contribuição à unidade, ao mútuo entendimento e testemunho comum, convém encontrar uma oportunidade para celebrar, ou testemunhar, com os professores ou a administração.

Como o Capítulo Geral destaca, as Universidades Lassalistas propiciam oportunidades para pesquisa e serviços na comunidade que nutram e facilitem a unidade entre os cristãos. A formação de catequistas é uma vocação específica das Instituições de Ensino Superior Lassalistas. Esses programas de formação devem incluir um componente ecumênico, que prestará também serviços a catequistas cristãos, fora da comunidade católica. Esta formação comum de catequistas é, ao mesmo tempo, uma fonte para seu diálogo mútuo, e um enriquecimento para seu ensino.

Os responsáveis universitários podem ajudar os membros dos conselhos de administração a perceber o engajamento inerente para a unidade e a ajuda inter-religiosa como algo essencial à identidade católica da instituição, assim como um apoio ao ensino, ao desenvolvimento da instituição, tanto do ponto de vista econômico como de matrículas da instituição. Por exemplo, a Universidade Georgetown, dos Jesuítas, a mais antiga Universidade Católica dos Estados Unidos, na Capital Federal, contratou um conselheiro de seu Presidente, com tempo integral, para dar impulso e pôr em execução as questões inter-religiosas nos programas e na política da Universidade.

## **Conclusão**

O apostolado lassalista é apenas um dos espaços possíveis para alimentar o engajamento dos cristãos em vista da unidade da Igreja; mas é um espaço privilegiado. É uma boa coisa que as escolas privilegiem a formação de adultos, para enriquecer a fé dos pais e da vizinhança, e também a compreensão das outras igrejas, os princípios ecumênicos católicos e os resultados de nosso diálogo e de nosso trabalho comum entre as igrejas.

A paróquia é um espaço importante para a educação cristã e a atividade ecumênica. Mesmo que a escola não esteja situada numa paróquia, ela prepara os cristãos para encontrarem um foco maduro na comunidade paroquial. Conhecer as igrejas vizinhas de onde procedem os alunos e os relacionamentos existentes e que precisam ser mantidos e desenvolvidos, eis ali um conteúdo

concreto que pode nutrir a experiência de fé da comunidade escolar, e os próprios conteúdos de ensino.

### **Avaliação**

*Vocês podem enviar suas respostas em francês, inglês, e espanhol, ao endereço no final da página.*

1. Quais são as experiências e iniciativas positivas que vocês vivenciaram no seu apostolado lassalista, na área da promoção da unidade entre os cristãos?
2. Quais são algumas das dificuldades que vocês tiveram que superar no seu apostolado, ao construírem pontes entre os cristãos e entre as igrejas?
3. Quais são os meios mais eficazes que vocês descobriram para assistir os lassalistas não-católicos no seu itinerário de fé? Em sua compreensão do catolicismo e no seu engajamento ecumênico?
4. Que enriquecimentos particulares vocês receberam dos lassalistas não-católicos?
5. Quantos professores e quantos alunos não-católicos vocês chegaram a conhecer no seu apostolado?
6. Quais são as confissões cristãs que partilham seu apostolado lassalista? Quais são as predominantes?

*Brother Jeffrey Gros, fsc  
Ecumenical and Interreligious Affairs  
US Conference of Catholic Bishops  
3211 4<sup>th</sup> St. NE - Washington, DC 20017  
Tel. 202.541.3020 - FAX 202.541.3183  
jgros@uscbb.org*